

## A TOLERÂNCIA E O RESPEITO EM ARISTÓTELES

**Ramiro Marques**

Os conceitos de tolerância e de respeito necessitam de uma definição prévia para evitarmos cair num dos maiores males da vida intelectual contemporânea: o mau uso e o abuso dos conceitos, devido ao peso avassalador da actual onda de vulgaridade e superficialismo.

O Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1) de José Pedro Machado dá-nos a seguinte definição de tolerância: "Do latim *tolerantia*, constância a suportar, resistência; paciência". E de uma pessoa tolerante, diz-se que é alguém que suporta e que resiste. O verbo tolerar vem do latim *tolerare*, que significa levar, suportar um peso, um fardo, aguentar, sofrer, persistir, sustentar, manter e resistir. Ser tolerante implica que se aceite que os outros pensem de maneira diferente de nós, sem por isso os odiarmos. Podemos ser tolerantes dentro do mesmo grupo, por exemplo, face aos pequenos defeitos e diferenças de carácter; ser tolerantes face aos que não pertencem ao nosso grupo; e tolerar as convicções e crenças dos outros que sejam diferentes das nossas.

O citado Dicionário dá-nos a seguinte definição de respeito: tomar em consideração e preocupar-se com. Vem do latim *respectare*, que significa olhar para trás e estar à espera. É uma atitude que consiste em não prejudicar alguém ou uma coisa. Por exemplo, respeitar o bem dos outros, a liberdade alheia, as tradições e as crenças. O contrário do respeito é o desprezo, a impertinência e a insolência.

Quer isto dizer que tolerar não é amar, nem tão pouco, apreciar. Tolera-se aquilo de que não se gosta, mas que se é obrigado a aceitar e, na melhor das hipóteses, a compreender, para evitar o conflito e a violência. Estamos perante um valor necessário e importante, mas muito insuficiente. Seria um valor suficiente, caso a nossa vida ética se limitasse ao cumprimento dos deveres, ao respeito pelos contratos e ao respeito pela regra de ouro, ou seja, da máxima "não faças aos outros o que não queres que te façam a ti". A tolerância é um valor estruturante do campo social da ética, ou seja do processo de ordenação e de hierarquização dos valores que norteiam o nosso relacionamento com os outros, com os grupos e com a sociedade. Não é, no entanto, um valor estruturante do campo pessoal da ética, ou seja, do processo de hierarquização dos valores que norteiam e ordenam as prioridades da nossa vida. Comparada

com o respeito, a tolerância não passa de um valor de resistência, o qual não pode deixar de ocupar uma posição subordinada ao respeito. Ou seja, embora o respeito implique um uso equilibrado, isto é sem excesso e sem defeito, da tolerância, com o respeito estamos perante um valor activo, profundamente abrangente, estruturante tanto do campo pessoal como do campo social da ética e mobilizador de uma ética máxima norteadada pela finalidade culminante do amor.

A tolerância obriga a respeitar a regra de ouro: "não faças aos outros o que não queres que te façam a ti". Neste sentido, estamos perante uma ética do dever, deontológica portanto, que se limita a evitar fazer mal aos outros. Trata-se de uma polaridade meramente passiva.

O respeito, ao invés da tolerância, carrega uma polaridade activa, marcada pela preocupação com os outros e na qual vem impressa a indelével marca do amor. Neste caso, a máxima "abstém-te de fazer mal aos outros" não é suficiente, porque ela é governada pela passividade. Ora, o respeito é governado pela actividade e é, por isso, que a máxima que melhor se lhe aplica é "ama o próximo como a ti mesmo". É, por isso, que o respeito constitui uma virtude estruturante de uma ética do amor e da benevolência, de uma ética marcada pela mensagem e pela palavra de Jesus Cristo. O respeito é, portanto, uma virtude intermédia na longa e difícil travessia em direcção ao cume da vida ética: o amor. Manuel Ferreira Patrício (2) identificou muito bem esta relação ao afirmar: "o primado cabe, efectivamente, à Pessoa. Esta postura personalista fundamental vem, evidentemente, do cristianismo. Eu afirmarei mesmo que vem directamente de Jesus, tal como o Evangelho no-lo dá. Lembremo-nos do mandamento que nele a certa altura nos é apresentado: ama o próximo como a ti mesmo. O próximo é o outro que está aí, logo à mão, logo a seguir. O próximo é o primeiro a amar, porque é o primeiro a aparecer. Não há que desviar o olhar, para o alto ou para o lado, procurando o outro longínquo; há que olhar directamente em frente para ver o outro aí, para ver o próximo, para ver e cuidar do próximo".

E em referência ao estatuto de dependência da tolerância em relação ao respeito, Manuel Ferreira Patrício (3) foi um dos autores que melhor soube explicar essa relação: "tolerar é bom, mas respeitar é melhor. Respeitar é bom, mas amar é melhor. Locke escreveu, no século XVII, a *Carta sobre a Tolerância*. Que bom seria se, neste final do século XX, estivesse ultrapassada a necessidade de tolerância e fosse a hora de escrever uma *Carta sobre o Respeito*".

Enquanto o respeito constitui uma virtude que nunca pode pecar por excesso, porque quanto mais respeito se tem mais se ama, a tolerância é o exemplo de uma virtude que se obriga ao meio termo porque, em excesso, resulta em indiferença, e, em falta, traz o sabor da intolerância.

Embora Aristóteles, na *Ética a Nicómaco* (4) não tenha incluído a tolerância no seu sistema de virtudes, e o facto de o não ter feito já

quer dizer muito, podemos aplicar a este conceito a concepção aristotélica do meio termo, para verificarmos quão nefasta pode ser a tolerância em excesso, embora a sua falta provoque sempre mais danos do que o seu excesso. O que é uma virtude? "A virtude é a) um estado que decide, b) que consiste num meio termo, c) que é um meio termo relativo a nós, d) o qual é definido por referência à razão, e) ou seja, à razão por referência à qual a pessoa inteligente a definiria. É um meio termo entre dois vícios, um que peca por excesso, outro que peca por deficiência" (5). Ou seja, ao contrário do respeito ou do amor - os quais nunca são excessivos - a tolerância deve reportar-se à sua condição intermédia e deve manifestar-se no momento certo, sobre as coisas certas, face às pessoas certas, em subordinação às rectas finalidades e da forma correcta. Não é fácil ser tolerante no momento certo, sobre as coisas certas, face às pessoas certas, em subordinação às rectas finalidades e da forma correcta. Talvez por isso, nas nossas sociedades liberais ocidentais, se opte com mais facilidade pelo excesso de tolerância, isto é, pela indiferença, com receio de se cair na intolerância, por má aplicação do princípio aristotélico do momento certo, sobre as coisas certas e em subordinação às rectas finalidades.

Importa referir que esta atitude é, apesar de tudo, um progresso em relação à onda de intolerância radical que devastou a Europa do século XVII e que motivou John Locke para a escrita da *Carta sobre a Tolerância*. Mas o facto de ser melhor não significa que seja boa.

A actual vaga de indiferença, isto é, de tolerância em excesso, é preocupante por duas razões: 1) conduz à aceitação e proliferação do que é intrinsecamente mau, ou seja, violador da dignidade da pessoa, e a "democratização" do que é ético e esteticamente mau traz consigo a generalização dos valores inferiores, os quais por terem mais força são mais facilmente captados pelas pessoas, favorecendo a sua preferência com a conseqüente preterência dos valores superiores; 2) revela uma certa incapacidade de amar as pessoas e as coisas verdadeiramente boas.

A gravidade da generalização da indiferença, qual doença social contemporânea típica das sociedades liberais ocidentais, resulta do facto de que à medida que vamos sendo cada vez mais indiferentes sobre cada vez mais coisas, aumenta a nossa insensibilidade ao amor e àquilo que vale a pena. A manter-se a tendência para a acentuação e generalização da indiferença isso quereria dizer que a nossa civilização tenderia para a aceitação da inversão da pirâmide dos valores, com a conseqüente decadência civilizacional e humana que daí necessariamente decorre. A História da Humanidade está repleta de exemplos de grandes civilizações que sucumbiram desse mal.

O discurso oficial nem sempre revela incorporar a noção de meio termo aplicada à virtude da tolerância. E se é certo que, com a tolerância, o excesso se encontra mais próximo da média e que a sua falta está mais distante, importa ter a noção da medida e da

proporção para não cairmos em posições relativistas radicais impeditivas do estabelecimento de qualquer hierarquia de valores. E, no campo da ética, a ausência de uma hierarquia de valores contraria a própria existência de vida moral. É importante chamar a atenção para o facto de o excesso de tolerância resultar no vício da indiferença porque existe a tentação, nas sociedades liberais ocidentais, de encarar todos os valores, todas as culturas e todas as práticas culturais como se estivessem no mesmo nível de elevação, quando, na verdade, há algumas mais elevadas do que outras e há até casos de violação sistemática da dignidade humana que importa tentar compreender mas não respeitar, nem provavelmente tolerar (6).

## Notas

1) Machado, J.P. (1977). **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Cinco Volumes. Lisboa: Livros Horizonte

2) Patrício, M. F. (1999). "A Escola e a Educação para a Cidadania", in **Suplemento da AEPEC, Diário do Sul**, 5 de Maio, p. 22

3) Idem, p. 22

4) Aristóteles (1985). **Nicomachean Ethics** (Tradução, introdução e notas de Terence Irwin). Indianapolis: Hackett

5) Idem, 1107 a, p. 44

6) Ver a este respeito o livro de Marques, R. (1998). **Ensinar Valores: Teorias e Modelos**. Porto: Porto Editora